

EXCLUSÃO RACIAL E OS TRABALHADORES PRETOS: UMA BREVE ANALISE SOBRE SITUAÇÃO RACIAL NO ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO (DRT/RS)

ANDRÉ ALVES DA SILVA¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²

¹*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – andrealves828@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – aristeuufpel@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca realizar uma breve análise de como a situação racial brasileira se projeta no mundo do trabalho, a partir do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT/RS), tendo em vista alguns fatores fundamentais: a cor, o sexo, o grau de escolaridade e a função exercida. Para o recorte de cor, foram considerados apenas os trabalhadores fichados com a identificação de cor como “preta”, entretanto, vale ressaltar que não foram encontradas fontes que evidenciem os critérios utilizados para esse registro, se autodeclarado ou não. Esse acervo encontra-se salvaguardado no Núcleo de Documentação Histórica Prof.^a Beatriz Ana Loner (NDH), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e é composto por aproximadamente 627.000 fichas de qualificação profissional. As quais consistem em documentos preenchidos com todas as informações sobre os trabalhadores solicitantes da carteira profissional.

Em pesquisas anteriores, Gil e Lopes (2018), analisando dados das fichas, observam que no Rio Grande do Sul a busca pela carteira profissional está centrada, principalmente, nos trabalhadores brancos. Bem como, a parcela negra dos trabalhadores ainda desempenhava funções semelhantes às realizadas no século XIX. Em destaque, servente (sendo a mais comum), lavadeira, costureira, cozinheiro, doméstica e sapateiro. A partir dessa pesquisa, é possível afirmar que a desigualdade racial é notável no mundo do trabalho e que o acervo da DRT/RS pode servir como ferramenta para análise dessa situação.

Tendo isso em vista, recorremos a Martins (2012) ao afirmar que o pós-abolição foi marcado por uma intensa exclusão do indígena, do negro e até mesmo do branco nacional. Uma vez que, o monopólio do poder, da política e do Estado se concentra, quase que exclusivamente, na mão da emergente burguesia. Essa, por sua vez, define os rumos das mudanças sociais e na cultura do trabalho, vislumbrando a mão de obra branca e estrangeira como ideal, consequentemente relegando o negro a segundo plano.

Se utilizando da mesma retórica, Florestan Fernandes (2007) afirma que as transformações histórico-sociais não atingiram de forma igual todos os setores da população. De forma que, com o fim da escravidão a população negra continuou em situação análoga a preexistente, imprimindo nas classes sociais as desigualdades raciais nos mesmos formatos que os anteriores (os brancos mantêm a supremacia e os negros a obediência).

Nesse sentido, o mundo do trabalho está profundamente marcado pelo racismo. As evidências disso podem ser vistas nas informações reunidas no acervo da DRT/RS, elas mostram que a população preta, além de uma mão-de-obra pouco valorizada, também tem baixos índices de escolaridade. Essa combinação, aliada a outros fatores, empurra o negro a um ciclo vicioso e impede sua inserção plena na sociedade.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, a leitura prévia dos referenciais teóricos foi decisiva para a delimitação do tema. A partir da bibliografia é possível compreender o que Florestan Fernandes definiu como o “dilema racial brasileiro” (FERNANDES, 2007, p.105) pano de fundo para o cenário de desigualdade racial descrito por Lopes (2018), a partir do acervo da DRT/RS.

Para análise de dados, o presente trabalho serviu-se de pesquisas no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT/RS), do Núcleo de Documentação Histórica, que conta com um banco de dados que permite o cruzamento de informações, de modo a selecionar determinados campos e estruturá-las de forma numérica e percentual. O sistema abarca pouco mais de 51.000 fichas digitalizadas, correspondentes aos anos de 1933 a 1948. É dentro desse universo que essa pesquisa se constrói.

Ao pesquisar campos específicos no banco de dados da DRT/RS, como: cor, grau de instrução, sexo e profissão; é possível notar alguns padrões (por exemplo, maior frequência de trabalhadores em uma profissão). Para esse campo de observação, utilizou-se da História Quantitativa, assumindo que, o objeto a ser analisado está atravessado por números e valores a serem medidos (BARROS, 2011, p.164). Isso, sem perder de vista o alerta de Barros sobre o “estilo quantitativo não-problematizado” (BARROS, 2011, p. 169), podendo construir narrativa vazia sem conteúdo maior.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os resultados das pesquisas elaboradas no acervo da DRT/RS é possível notar que a população negra do estado do Rio Grande do Sul, pós-abolição, continua inserida na mesma lógica estabelecida no período escravista.

De maneira geral, foram localizadas 2.479 fichas de qualificação em que o registro de cor constava como “preta”. Esses trabalhadores estão distribuídos em 24 principais profissões, que empregam aproximadamente 60% desses profissionais, totalizando 1415 trabalhadores. Os demais estão dispostos em diversas funções com frequência de trabalhadores abaixo de cinco. Dentro desse universo, é notável algumas diferenças de gênero, algumas profissões têm preponderância de homens ou mulheres.

No grupo das mulheres, a profissão mais recorrente é a de servente, seguida por cozinheira, doméstica e costureira. Sendo que, as profissões de costureira e doméstica tem apenas registros de trabalhadoras mulheres. No que diz respeito ao grau de instrução, as mulheres pretas apresentam um retrospecto que não ultrapassa o ensino primário, correspondendo a 180 analfabetas, 156 com ensino primário e 77 que não informaram. Vale ressaltar, que a combinação de racismo e sexism produz efeitos devastadores sobre as mulheres negras. Sueli Carneiro afirma que os desdobramentos dessa interseccionalidade têm efeitos danosos em todos os aspectos da vida, incluindo acesso ao mercado de trabalho, remuneração e prestígio social (CARNEIRO, 2011).

No grupo masculino, servente também aparece como a profissão mais recorrente, seguida por pedreiro, auxiliar de comércio e jornaleiro. Nesse caso, a profissão de pedreiro aparece como uma “profissão masculina”. No grau de instrução o cenário é parecido, o ensino primário, com raras exceções, aparece como limite para maioria dos trabalhadores, somando 1052 com ensino primário, 581 analfabetos, 419 não registraram a informação. A exceção está em três

trabalhadores, um ferroviário com ensino superior, um bancário e um jornalista que cursaram o ensino secundário.

4. CONCLUSÕES

No âmbito racial, o legado do “imediato pós-abolição” é extremamente desfavorável à população negra. Ao fazer um recorte específico (no caso os trabalhadores registrados cujas as fichas, no campo cor, anotaram como sendo “preta”), o acervo da DRT/RS revela que essa população enfrenta diversas barreiras na sua inserção social nos anos 1930 E 1940. Da mesma maneira, Abdias do Nascimento afirma que “o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancada as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida” (NASCIMENTO, 2016, p.101). Portanto, infere-se que as condições dos trabalhadores pretos fazem parte de uma estrutura social excludente, que os empurra para segundo plano. Quando somado a outros elementos (como gênero ou grau de instrução) essa realidade se agrava, aprofundando ainda mais as desigualdades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo negro, 2011.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

GIL, Lorena Almeida; LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **O Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas e seus acervos: institucionalização e possibilidades de pesquisa**. In: DROPPA, Alisson; LOPES, Aristeu Elisandro Machado; SPERANZA, Clarice Gontarski. **História do trabalho revisitada: justiça, ofício e acervos**. Jundiaí [SP], Paco, 2018.

MARTINS, Teresa Cristina Santos. **O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade**.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.